

***Pleurothallis*: a genus under revision.**

Abstract: The neo-tropical genus *Pleurothallis* was established by R. Brown in 1813 and, as early as 1859, J. Lindley wrote about the necessity of dividing the genus. One recently published broad taxonomic review suggests that the almost two thousand species should be divided into many new genera and sub-genera. The new classification is apparently agreeing with phylogenetic studies in the group. Nevertheless, at present, the practical result of those nomenclatural changes are still causing a lot of confusion. Some Brazilian species, previously belonging to *Pleurothallis*, now have more than one name in the literature.

Resumo: O gênero neo-tropical *Pleurothallis* foi criado por R. Brown em 1813 e, já em 1859, J. Lindley escrevia sobre a necessidade de dividi-lo. Uma grande revisão taxonômica recentemente publicada propôs a divisão das quase duas mil espécies em diversos novos gêneros e sub-gêneros e esta divisão parece estar de acordo com estudos filogenéticos feitos no grupo. No entanto, no momento, o resultado prático destas mudanças nomenclaturais ainda causa algumas complicações. Algumas espécies brasileiras, antes pertencentes ao gênero *Pleurothallis*, atualmente apresentam mais de um nome na literatura.

O gênero *Pleurothallis* é grande e complexo, embora atualmente venha despertando o interesse dos orquidófilos. Pelo tamanho de suas flores é considerado como microorquídea, sendo que este não é um critério taxonômico, mas sim horticultural. As plantas cujas flores meçam entre 5 a 10 mm pertencem a esta categoria. No geral, suas flores são de interesse apenas botânico, ou seja, são consideradas pouco ornamentais. Particularmente gosto de duas espécies nativas da Mata Atlântica, que são *Pleurothallis carinifera* e *Pleurothallis pterophora*, as quais ilustram a matéria, por gentileza especial do fotógrafo Du Zuppani. O gênero *Pleurothallis* foi criado pelo botânico escocês Robert Brown, no Aiton. Hoert. Kew. Ed.2, 5:211, 1813, baseado no typo *Epidendrum ruscifolium* Jac., Enun. Pl. Carib. 29. 1760, com *Pleurothallis ruscifolia*. Foi criado para ser monoespecífico, todavia, atualmente deve haver aproximadamente duas mil espécies. Todas ocorrentes, exclusivamente, nas Américas. A estimativa para o Brasil é de que existam algo em torno de quinhentas espécies. É bem possível que mesmo agora, à época desta publicação, existam plantas novas para a Ciência, depositadas em instituições de pesquisas, inclusive no Brasil, aguardando classificação taxonômica, descrição ou diagnose. Em 1859, menos de 50 anos após a criação do gênero, Lindley observou a necessidade de sua divisão. Mas, também observou que isso seria tarefa futura, porquanto havia pouca informação disponível à sua época para fazê-lo. G. F. J. Pabst e F. Dungs, no vol. I da Orchidaceae Brasilienses, valendo-se dos critérios de classificação taxonômica de sua época, apresentaram o gênero com subdivisões infragenéricas, dividindo-o em

15 seções e várias alianças, visando acomodar a grande diversidade de taxóons ocorrentes. Com o avanço dos estudos, as seções propostas por Pabst e Dungs poderiam ser elevados para níveis de sub-gêneros ou gêneros novos, mantendo-se o epíteto original, como recomenda o art. 21.B.3. do Código Internacional de Nomenclatura Botânica. Creio que com isso teríamos um tratamento mais adequado para as espécies ocorrentes em nosso território ou, ainda, comuns aos nossos vizinhos. Além disso, haveria o encadeamento cronológico do labor científico de vários cientistas brasileiros, entre eles Barbosa Rodrigues, F. C. Hoehne e outros, assim como dos estrangeiros que estudaram nossa Flora, como A. Cogniaux, R. Schlechter, Alexander Brade e tantos outros. O trabalho de Pabst e Dungs, entretanto, não teve seguimento. Quem retomou o estudo e propôs a divisão do gênero *Pleurothallis* foi Carl Luer, do Jardim Botânico de Missouri, EUA, que iniciou o Ícones *Pleurothallidinarum* em 1986.



Pleurothallis pterophora

Luer escolheu, basicamente, dois elementos morfológicos no início de sua monografia para propor a divisão do gênero, quais sejam: a) a posição da antera em relação à coluna e b) a existência ou não de calosidade no ramicaule (equivalente ao pseudobulbo das orquídeas grandes). E com isso apresenta um eixo cartesiano com três dimensões nomeando-os sucessivamente de *Acianthera*, *Specklinia* e *Pleurothallis*, acomodando vinte e nove subgêneros e vinte e duas seções.

Vale observar que Luer inclui nesse diagrama os possíveis parentescos com outros gêneros já conhecidos, como *Stelis*, *Masdevallia*, *Barbosella*, *Dryadella* e outros, assim como cria novos subgêneros, tais como *Fronitaria*, *Trichosalpinx*, *Xenion* e outros.

A crítica que se faz ao trabalho do Professor Luer é no sentido de que foram poucos os elementos morfológicos escolhidos para a proposta de divisão do gênero. Mas, há de se reconhecer que a Ciência, em geral, dá ao pesquisador esta autonomia de análise. Atualmente, as informações de que dispomos (sempre escassas e descontínuas) são de que Luer está de acordo com os estudos em filogenética, apresentados por Alec M. Pridgeon e Mark W. Chase.

Na taxonomia moderna, o conceito de gênero está atrelado à teoria de evolução e, daí, a denominação filogenética, onde o gênero deve refletir sua descendência evolutiva., chamando-a de corte analítico.



Pleurothallis carinifera

Se imaginarmos uma “árvore genealógica” que mostra como as espécies desenvolveram-se e ramificaram-se uns dos outros após milênios, existe a autonomia para decidir até aonde os ramos do gênero possa ir, mas não há a liberdade de formar um gênero com alguns pequenos ramos de um ramo, alguns de outro ramo, e alguns mais de outro ramo. Uma solução dessa leva o nome de gênero polifilético, o qual não é aceito.

O gênero para ser considerado bom deve ser monofilético, ou seja, pode-se decidir até que ponto da árvore o gênero vai e, a partir disso, deve-se incluir tudo que descende daquele ramo e nada mais. Dessa maneira o gênero refletirá a história evolutiva. Esta é uma das metas e um princípio da taxonomia moderna.

Com base em análise do DNA do gênero *Pleurothallis* e dos gêneros próximos, Pridgeon e Chase, em resumo, apresentaram as seguintes conclusões: 1) a elevação do subgênero *Acianthera* para gênero; 2) o ressurgimento do gênero *Anathallis*; 3) a transferência do subgênero *Aenigma* para *Andinia*; 4) a adoção de três novos gêneros, *Anthereon*, *Diodonopsis* e *Echinella*; 5) a redefinição e extensão dos gêneros *Pholoeophila*, *Pleurothallis* e *Stelis*; 6) o ressurgimento e redefinição do gênero *Specklinia*; 7) a criação de sinônimos para *Acostaea*, *Apatostelis*, *Barbrodia*, *Condylago*, *Jostia*, *Luerella*, *Ophidion*, *Restreplopsis* e *Salpistele* com outros gêneros, e 8) a inclusão de *Dilomilis*, *Neocogniauxia* e *Tonzanonia* (*Dilomilidinae*) em *Pleurothallidinae*.

O trabalho de Pridgeon e Chase também vem sendo criticado, sob o argumento de que seria necessário incluir um número maior de espécies na análise de DNA para produzir uma reclassificação definitiva do gênero *Pleurothallis*. Há um artigo bastante interessante sobre o tema, de Lou Jost que pode ser acessado em www.loujost.com - ícone Botanical Articles.

Aqui no Brasil o Professor Fábio de Barros, do Instituto de Botânica de São Paulo, vem se dedicando ao estudo da filogenia, podendo ser consultado o resultado de seus trabalhos na *Orchid News Letters* e nos boletins do *Herbarium Bradeanum*. Eduardo Leite Borba da Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Rodovia BR 116, Km 03, em artigo *Novas Combinações em Acianthera (Pleurothallis Sl.; Orchidaceae: Pleurothallidinae) Ocorrentes nos Campos Rupestres Brasileiros* propõe a revisão de um pequeno grupo de *Pleurothallis* rupestres ocorrentes entre Minas Gerais de Bahia. O artigo está no site: www.uefs.br/dcbio/revistabiologia/vol3_02_22_25.pdf

A questão ao meu ver, não está no método utilizado para a reclassificação do gênero e de suas alianças, mas no resultado prático de sua aplicação. Seria exaustivo apontar espécie por espécie de *Pleurothallis* que estão com duas ou mais classificações atualmente, além de fora de propósito para a extensão deste ensaio.

Fiquemos, portanto, com dois exemplos. O primeiro: *Pleurothallis adenochila* Loefgr. – Em *Orchid News Letter*, n.º 45, consta a passagem para *Anathallis adenochila* (Loefgr.) F.Barros in *Hoehnea* 30(3): 187. 2003 [30 Dec. 2003]: *Pleurothallis adenochila*.

Já em *Orchid News Letter*, n.º 46, p. 35, consta a passagem da mesma planta

para *Specklinia adenochila* (Loefgr.) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 95: 258. 2004 [Feb 2004]; *Icon. Pleurothall.* 26: 258. Feb. 2004.

Verifica-se que existem duas reclassificações de uma mesma espécie para dois gêneros distintos.

Outro exemplo, para *Pleurothallis hygrophila* Barb. Rodr. em Orchid News Letter, n.º 40, p. 5, temos a seguinte nomenclatura: *Acianthera hygrophila* (Barb. Rodr.) Pridgeon & M.W.Chase in *Lindleyana* 16(4): 244 (2001): *Pleurothallis hygrophila*.

Já em Orchid News Letter, n.º 40, p.33, consta a seguinte nomenclatura: *Stelis hygrophila* (Barb.Rodr.) Pridgeon & M.W.Chase in *Lindleyana* 16(4): 263 (2001): *Pleurothallis hygrophila*.

E, por fim, Orchid News Letter, n.º 46, p. 41, dá a passagem para *Specklinia hygrophila* (Barb.Rodr.) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 95: 261. 2004 [Feb 2004]; *Icon. Pleurothall.* 26: 261. Feb 2004: *Pleurothallis hygrophila*; isonym of *Specklinia hygrophila* (Barb.Rodr.) F.Barros (1984).

No caso, temos uma planta que passou a pertencer a três gêneros distintos.

Sob o aspecto taxonômico tal situação não pode ser aceita, mesmo porque o preâmbulo do Código Internacional de Nomenclatura Botânica recomenda que toda classificação que gere confusão deve ser evitada.

Ao que parece não possuímos informações suficientes para a almejada divisão do gênero *Pleurothallis* e creio que a solução, até que ela surja, é manter a nomenclatura atual. Ou seja, gênero *Pleurothallis*.



ORQUIDÁRIO TRAVIÚ PENEDO
PRODUÇÃO PRÓPRIA EM PENEDO-RJ
HORST E IELEM HOLLAND

ESTRADA RESENDE - MAUA - PENEDO SHOPPING - LOJA 34
CEP-27580.000 - HORSTPENEDO@IG.COM.BR
TEL.(24) 3351 1081